

**INVISIBILIDADE FEMININA: O SILENCIAMENTO DE MARIA DE SOULÉ
THEBERGE NA EDUCAÇÃO DA RIBEIRA DOS ICÓS – CE**

FEMALE INVISIBILITY: THE SILENCING OF MARIA DE SOULÉ THEBERGE IN THE
EDUCATION OF RIBEIRA DOS ICÓS – CE

INVISIBILIDAD FEMENINA: EL SILENCIAMIENTO DE MARIA DE SOULÉ
THEBERGE EN LA EDUCACIÓN DE RIBEIRA DOS ICÓS – CE

Maryland Bessa Pereira Maia¹ 0000-0001-6987-5604
Will Wanderkelly de Freitas Ribeiro² 0000-0002-5928-4859
Inaiara Ferreira da Silva³ 0000-0003-3202-7737

¹Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza, CE, Brasil; mary.bessa@uece.br

²Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB, Brasil; willribeiro_02@hotmail.com

³Universidade Estadual do Ceará – Iguatu, CE, Brasil; inaiara.silva@aluno.uece.br

RESUMO:

O objeto deste artigo procura analisar o silenciamento da personagem Maria de Soulé Theberge na educação da antiga província da Ribeira dos Icós, atual cidade do Icó-Ceará. O campo teórico o qual o trabalho foi embasado teve como principais referências Perrot (2017), ao discutir a história das mulheres ao longo dos tempos, Telles (1993) sobre a história das mulheres no Brasil e Guedes (2022) sobre a presença feminina na educação. A análise baseou-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa, ao usar a pesquisa exploratória como referência para mapear a identidade de Maria Angelica de Soulé e seu caminho educativo no município do Icó-Ce. Na análise dos documentos duas categorias foram identificadas, a primeira a construção da identidade feminina de Maria de Soulé e depois a contribuição na história da educação musical do Icó pela personagem. Dessa forma, foi possível verificar que a invisibilidade na história das mulheres se dá pela ausência de suas falas, que com comprometimento de pesquisa é possível evidenciar suas trajetórias.

Palavras-chave: história da educação; história das mulheres; Maria de Soulé; invisibilidade.

ABSTRACT:

The subject of this article seeks to analyze the silencing of the character Maria de Soulé Theberge in the education of the former province of Ribeira dos Icós, now the city of Icó-Ceará. The theoretical field on which the work was based had as its main references Perrot (2017), when discussing the history of women throughout the ages, Telles (1993) on the history of women in Brazil and Guedes (2022) on the presence of women in education. The analysis was based on a qualitative research approach, using exploratory research as a reference to map the identity of Maria Angelica de Soulé and her educational path in the municipality of Icó-Ce. In analyzing the documents, two categories were identified: firstly, the construction of Maria de Soulé's female identity and then her contribution to the history of music education in Icó. In this way, it was possible to verify that the invisibility in the history of women is due to the absence of their speeches, but that with the commitment of research it is possible to highlight their trajectories.

Keywords: history of education; history of women; Maria de Soulé; invisibility.

RESUMEN:

El tema de este artículo busca analizar el silenciamiento del personaje Maria de Soulé Theberge en la educación de la antigua provincia de Ribeira dos Icós, actual ciudad de Icó-Ceará. El campo teórico en el que se basó el trabajo tuvo como principales referencias a Perrot (2017), al discutir la historia de las mujeres a lo largo de los tiempos, Telles (1993) sobre la historia de las mujeres en Brasil y Guedes

(2022) sobre la presencia de las mujeres en la educación. El análisis se basó en un enfoque de investigación cualitativa, utilizando la investigación exploratoria como referencia para mapear la identidad de Maria Angélica de Soulé y su trayectoria educativa en el municipio de Icó-Ce. Al analizar los documentos, se identificaron dos categorías, en primer lugar, la construcción de la identidad femenina de Maria de Soulé y, en segundo lugar, su contribución a la historia de la educación musical en Icó. De esta forma, fue posible constatar que la invisibilidad de la historia de las mujeres se debe a la ausencia de sus voces, pero que con el empeño de la investigación es posible destacar sus trayectorias. **Palabras clave:** historia de la educación; historia de las mujeres; Maria de Soulé; invisibilidad.

Introdução

No decorrer da história do ocidente, as produções historiográficas sempre foram espaços de negação e invisibilidade das mulheres ou de construção de uma identidade imaginária repressora e estigmatizada para elas. Com isso, as narrativas parecem sofrer uma coerção da possibilidade em apresentar a identidade feminina que não seja entre os dogmas medievalescos das bruxas ou santas, pois essa dualidade colocou a figura feminina por muito tempo como um “ser de silêncio” ou relegadas ao espaço privado do lar e sempre à margem da sociedade borbulhante masculina, como bem atesta Simone de Beauvoir (2021) e Judith Butler (2020) ao analisarem como as normas de gênero eram performativas e construídas socialmente.

Essa situação sofre alterações a partir de meados do século XX, com a chegada da Escola de Annales, movimento impulsionado por Guy Bourdê e Harvé Martin, tomando por referência novas perspectivas historiográficas. A produção material desse movimento abriu caminhos para uma nova perspectiva histórica, colocando no palco principal, o que antes estava nas sombras, assim o desenho da história das mulheres ganhou notoriedade. Primeiro lutando para romper com os discursos sobre suas identidades, que por muito não foram produzidas por elas, e segundo, tentando criar suas próprias narrativas históricas (Burker, 1991).

Com esse movimento, acompanhamos a luta feminina na Europa para o direito ao voto (1918) construindo uma identidade social para a classe feminina e debutando no cenário masculino. Na década de 1940, a publicação do livro de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, constitui uma etapa importante para construção da identidade feminina, pois estabelece a máxima, “não se nasce mulher, se torna mulher”, tal conceito ecoou pela sociedade de classe e a voz feminina passou a ganhar força, ao expor seu corpo e a representatividade em segmentos majoritariamente patriarcal e machista (Beauvoir, 2021, p. 30).

A condição da mulher no Brasil não foi distinta, pois sua trajetória é caracterizada por batalhas e mudanças na sociedade, representada também, pela invisibilidade que, segundo Telles (1999, p. 13), somente a partir da vinda das mulheres da classe dominante para o Brasil na época colonial é que se consegue identificar alguma documentação sobre o universo

feminino. A perspectiva era a dualidade histórica, ou seja, “quando não há como deixar de registrar a participação das mulheres, o fazem como se estas agissem individualmente, como loucas, prostitutas, enfim, desajustadas”.

Historicamente, com a República e o avanço da urbanização, o coletivo feminino passou a pleitear por maiores direitos, incluindo o acesso à educação e possibilidade de trabalhar fora de casa. A obtenção do direito ao voto no Brasil, em 1932 foi um acontecimento significativo. Telles (1999), em debate sobre a atuação feminina no período da Ditadura Militar, identifica que nesse período o coletivo feminino ganha força e se organiza contra a violência física, psicológica e sexual, muitas vezes exacerbada simplesmente por serem mulheres, além da denúncia contra o machismo dentro dos órgãos de repressão. O autor expressa, ainda, que mulheres como Zuzu Angel que lutaram pelo desaparecimento do filho, Dinaelza Coqueiro dos Santos, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), presa e torturada pela repressão e Elena de Grammont, que também sofreu repressão após seu envolvimento com movimentos de resistência, são histórias marcadas pela dor e pela invisibilidade.

No decorrer do período de redemocratização do Brasil, as mulheres também ressurgem demarcando suas presenças na política institucional. Basted (1994), em pesquisa sobre mulheres e políticas públicas no Brasil, expressa que a partir da década de 1980, legitimadas pela promulgação da Constituição de 1988 e a garantia de direitos iguais para ambos os sexos, as mulheres passaram a se engajar cada vez mais em cargos políticos e na defesa de pautas feministas no Congresso Nacional, consagrando a busca de um tempo perdido, o qual a figura feminina borrada nos documentos históricos, agora tomava seu expresso contorno.

Com isso, podemos expressar que o movimento da década de 1980 representa uma dupla empreitada pelo coletivo feminino, ora surgindo das sombras da ditadura militar ao enfrentar uma situação degradante para muitas mulheres, que se davam conta que seus agressores nunca ou quase nunca seriam punidos, ora também abrindo espaço em um terreno majoritariamente masculino.

Mesmo com o importante relevo que a luta feminista trouxe para a realidade de muitas mulheres invisibilizadas ao longo do desenvolvimento da história da humanidade, ainda assim, ao levantamento das pesquisas acadêmicas nos deparamos com mulheres que surgem como sombras borradas, que reivindicam seu lugar, mesmo que seja na memória coletiva de um povo. Uma dessas histórias borradas é de Maria Angélica Elysa, nascida na cidade de Metz na França.

Com efeito, o artigo aqui exposto tem por objetivo analisar a representação feminina na educação na Ribeira dos Icós (atual cidade de Icó-Ce), a partir dessa figura emblemática na sociedade icoense do início do século XIX. Nesse ínterim, também nos importa mapear a partir

dos documentos expostos na pesquisa a identidade de Maria Angélica Elysa de Soulé, além da sua contribuição para o campo da educação na cidade do Icó (localizada a 359 kms da capital cearense), região do Centro-Sul do Ceará.

O Campo de Estudo sobre a História das Mulheres: mapeando o invisível

Para Hobsbawn (2013, p.17), o passado é identificado como uma dimensão do fazer humano, nesse caminho o trabalho do historiador é “analisar a natureza desse sentido do passado”. Entretanto, de qual passado estamos falando? Um passado que por muito só identificou os feitos masculinos? Uma nos parece complexa quando, pois, mapear a invisibilidade feminina no campo historiográfico, como também romper os laços com essa dissimetria sexual postas nas fontes durante muitos séculos, como diz Perrot (2005).

Dissimetria essa legitimada pelo discurso positivista do século XIX que tinha em seu principal fundamento a conservação da ordem social a partir da moral e da educação. Com isso, a mulher era “inicialmente tratada intelectualmente como inferior, mas ao mesmo tempo, foi considerada portadora de características essenciais para desempenhar a função de mãe e primeira educadora” (Telles, 1999, p. 54). Com efeito, o legado do positivismo na sociedade construiu os atributos no imaginário feminino da mulher-mãe devotada e caprichosa, e por fim, da mãe-educadora.

Nesse sentido, o campo de estudo sobre o feminino só se estabelece a partir da década de 1960, com a crescente conscientização sobre a ausência e a marginalização das mulheres nas narrativas históricas tradicionais. Assim, eventos como os movimentos feministas, a crítica a história tradicional e a intensificação da entrada das mulheres nas universidades criaram campos teóricos específicos de estudo.

Zilberleib (2022) reitera que de fato até os anos de 1980 ocorre a constatação do atraso historiográfico sobre esses estudos como objeto de pesquisa. Sobre o delineamento desse campo de pesquisa, em 2007 em compêndio sobre a emergência da pesquisa da história das mulheres os autores Soihet e Pedro (2007, p. 284) identificam a seguinte situação: “Acreditava-se que, falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade”, notória herança da ideologia positivista que nos ronda até a atualidade.

Na pesquisa de Zilberleib (2022) só nos anos de 1980, com os novos discursos e estudos sobre gênero que “fazia referência aos processos diferenciais que constituem homens e mulheres”, ocorre o avanço de produções sobre esse campo de estudo; a autora ressalta que “não se tratava mais de tomar as mulheres como pontos de partida, mas como pontos de chegada”.

Com isso, iniciamos um caminho de identificação de muitas estudiosas que contribuíram e contribuem de forma significativa para a análise da condição da mulher, abordando questões de gênero, interseccionalidade, feminismo e desigualdade (ibidem, p.48).

Na atualidade, um coletivo de mulheres respondem pela construção social do campo feminino. Assim, podemos elencar bell hooks (1952-2021), que aprofundou o estudo entre raça, gênero e classe ao colocar em cena as experiências de mulheres negras; Judith Butler (1959-), que discute as concepções tradicionais de gênero e advoga que esse conceito é uma performance construída socialmente; em Angela Davis (1944-), temos o debate sobre raça, gênero e classe e toma caminho sobre a opressão das mulheres negras e a necessidade de um feminismo inclusivo que aborde questões de racismo e capitalismo e por fim, Saffiotti (1934-2010), importante socióloga brasileira que identifica as relações no mundo do trabalho e a exploração feminina. Muitas outras pesquisadoras abrem espaço para compreender a condição da mulher nessa sociedade.

Metodologia

Mapear o invisível é um movimento significativo de “passagem do silêncio à palavra”, assim diz Michelle Perrot (2015, p. 15) em sua busca incessante para dar visibilidade às mulheres - referência essa que foi o caminho para a construção deste trabalho. A pesquisa sobre a representação feminina na educação na Ribeira dos Icós, tomando por referência a figura de Maria Angélica Elysa de Soulé Théberge, se configura em um estudo com abordagem qualitativa de pesquisa, que na compreensão de Oliveira (2014, p. 37), se institui pela “análise da realidade através da utilização de métodos para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Nesse caminho, o objetivo da pesquisa exploratória se fez presente com a curiosidade em identificar no contexto sócio-histórico a figura dessa mulher, uma ação que teve como premissa explorar “os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social” (Delory-Momberger 2012, p. 524). Com efeito, para organização dessa pesquisa exploratória que tem como premissa explorar um fenômeno pouco conhecido, usamos a pesquisa documental como referência norteadora dessa ação. Percebendo o documento como “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 6).

Com isso a pesquisa foi desenhada obedecendo duas etapas, a primeira etapa se constituiu um levantamento de materiais bibliográficos identificando qualquer rastro histórico da personagem, nessa etapa dois materiais nos encontraram no caminho, sendo eles:

1- O Trabalho de Conclusão de Curso de Yuri Guedes de Lavor, do curso de Bacharelado em História, publicado em 2018, pela Universidade Regional do Cariri - (URCA), sobre o tema *Pierre François Théberge em riscos de vida neoclássicos- Barrocos na Ribeira dos Icós*. Seguindo o rastro desses documentos, nos possibilitou o encontro com outras fontes de pesquisa;

2- Jornal Diário de Pernambuco do ano 1841, do ano de 1842 e do ano de 1843. Esses materiais apresentaram a construção da representatividade de Maria de Soulé em terras brasileiras e seu caminho na educação.

A segunda etapa da pesquisa se deu com a análise dos documentos selecionados. Esse processo trouxe algumas considerações importantes, uma delas é a atenção aos limites impostos por esses materiais históricos, pois nenhum documento é neutro, sempre por trás é possível identificar um viés ideológico. Nesse caso, a função do/a pesquisador/a é exatamente perseguir essas trilhas e compor um quadro identitário dos fatos.

No que diz respeito à análise documental, levamos em consideração duas categorias, a primeira trata do surgimento da personagem Maria de Soulé nos documentos do início do século XIX, marcando a transposição do invisível para os primeiros contornos históricos da personagem ao firmar, assim, sua identidade feminina. A segunda categoria se refere às contribuições educativas de Maria de Soulé para a Ribeira dos Icós.

Com efeito, seguindo as categorias postas pela pesquisa a análise dos documentos nos possibilitou submergir na coleta, categorização, análise e interpretação do material, mas também nos colocou em contato com pontos-limites da pesquisa. O primeiro, diz respeito a parcialidade das fontes, pois muitos dos documentos que obtivemos acesso nos dava clareza que a vida das mulheres por muito tempo foram traçadas pela lente masculina, situação “comum” quando estudamos o universo feminino na historiografia dos séculos passados. Só em meados do século XIX, que a história das mulheres começa a emergir por conta própria, inclusive se estabelecendo como um campo de profícuo estudo.

O segundo ponto, que nos deparamos no decorrer da pesquisa foi a limitação das informações, ou seja, fontes podem não conter as informações necessárias para responder a todas as perguntas de pesquisa, limitando assim o desenho proposto pelo estudo.

Mapeando o invisível nos documentos: a construção identitária de Maria Angélica Elysa de Soulé Théberge

Maria Angélica Elysa de Soulé é nascida em Mertz, cidade no interior da França, de uma família tradicional francesa, a família Soulé. A menina Maria Angelica Elysa, cresceu sob a auspiciosa criação feminina do século XVIII, época em que uma suposta mulher de bem, deveria ser “exemplo de uma mulher honrada e devota”, apenas dois caminhos que se entrelaçam, preparar-se para se casar com uma educação voltadas às aprendizagens do lar ou a conduzia ao convento, e segundo Algranti (1993, p. 261) a educação livresca para “a educação feminina estava longe de ser uma ideia generalizada ou uma prática corriqueira”, e assim se fez a educação da menina Maria Angelica Elysa.

Com efeito, em pesquisa no material de Lavor (2018) identificamos que um evento muda o destino de Maria Angélica Elysa, quando em 1837 casa-se com o médico Pierre François Théberge, e passa a ser chamada de Maria de Soulé Théberge, acrescentando o nome do marido, mas sem retirar o seu, situação não usual no século XVIII, pois “pelo casamento, as mulheres perdiam seu sobrenome, o que ocorria na França, mas não somente aí. É bastante difícil, e mesmo impossível, reconstituir linhagens femininas” (Perrot, 2015, pag 21). causa recorrente de sustentação da invisibilidade feminina ao longo dos séculos.

No documento organizado por Lavor (2018), informa que o casal decide morar no Brasil, na cidade de Recife, e nessa época o país vivia “a transição entre o Primeiro Reinado de Dom Pedro I, que governou entre 1822 até 1831, entre a Proclamação da Independência do Brasil e sua abdicação ao trono real e o Segundo Reinado”. É a partir desse momento que a história da personagem começa a ter novos contornos (Lavor, 2018, p.250).

A cidade do Recife, foi o palco dos primeiros movimentos da personagem, enquanto construção de seu caminho como figura feminina e suas contribuições no campo educativo. De acordo com Diário de Pernambuco de 31 de março de 1841, Maria Angélica Elyza Théberge inicia um empreendimento em Recife recorrendo ao jornal com a seguinte publicação:

Madame Théberge, desejando que o estabelecimento, que vai fundar para a educação de meninas, assente em bases sólidas, e mereça a aprovação de todas as pessoas que desejam dar a suas filhas uma educação acertada e brilhante: roga a todos os pais de família que quiserem lhe fazer esta honra, por favor de vir assistir, na sexta feira, 2 de Abril, às 10 horas do dia, em casa de sua residência, rua da Cadeia nova, D. 2, à leitura e aprovação, que se farão dos estatutos do dito collegio; para que as luzes e conhecimentos dos assistentes, possa encontrar observação judiciosa e salutar em uma empresa tão delicada, e de tão reconhecida necessidade.

Seguindo as publicações do jornal "Diário de Pernambuco", é perceptível a figura do marido, Dr. Théberge legitimando o desejo de Maria de Soulé a partir de ofício enviado à Câmara Municipal de Recife

Outro do Doutor Théberge remetendo 11 exemplares dos estatutos do collegio de meninas, que Madame Théberge fundou na casa, e sítio dos Coelhos, para serem distribuídos pelos veriadores desta Câmara e dois para serem arquivados; implorava a coadjuvação desta Câmara; à Câmara ficou inteirada, recebendo com agrado ditos estatutos (Diário de Pernambuco, 30/07/1841).

É importante revelar a partir da citação, que a força do patriarcado também deliberou a legitimidade da vida feminina, sua autorização de existência, Perrot (2015, p. 22) explica que “[...] num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido, e não os da mulher”, uma mulher não fala por ela mesma, sua voz vem pela voz do homem. Importamos intensificar esse debate, pois no caminho da pesquisa foi necessário a destreza para separar essa condição histórica do coletivo feminino, o que era desejo de Maria de Soulé ou o que era a fala do patriarcado estrutural. Maria de Soulé não remete os estatutos do Collegio à Camara, o marido o faz outorgando sua condição de mulher casada e que precisa do respaldo da fala masculina.

Ao longo dos anos, a família de Maria de Soulé e o marido adquiriram extensas dívidas em função das necessidades da escola. Essa situação chegou ao ponto de levá-los a leiloar os bens para sanar a dívida. Com efeito, em 05 de maio de 1844 o *Diário de Pernambuco* publica: “o corretor Oliveira fará leilão, no dia que anunciar, dos bens do Dr. Théberge, visto ter se passado por sentença a convenção feita com seus credores”, e em outubro de 1845, a família deixa a cidade de Recife e se muda para a província do Ceará, ficando até 1848, se estabelecendo depois na Ribeira dos Icós.

O percurso de mapear o silêncio das fontes e trazer à tona a visibilidade de um fato ou de alguém, em específico a historiografia feminina é procurar nesse mar abissal de silêncio uma história viva, um fio histórico que possa concretamente dissociar do arquetipo masculino a figura feminina.

A contribuição educativa musical de Maria Angélica Elysa de Soulé Théberge na Ribeira dos Icós

Como já expomos no percurso identitário de Maria Angélica Elysa de Soulé, muito da sua identidade foi expressa a partir de outras falas, de tal modo que essa questão de pesquisa também surge quando nos deparamos com o seu caminho de educadora. Telles, (2014, p. 15), em publicação sobre a presença da mulher no contexto da educação, identifica que a mesma

“[...] é vista com certa contradição, pelo fato de ter sido marginalizada ao mesmo tempo em que foi integrada como educanda e mestre”. Assim, é possível observar que mesmo reforçando a figura de esposa-mãe-educadora, a luta de Maria de Soulé está nos atributos da existência do seu nome nos documentos desde a sua chegada em Recife, até sua vida na Ribeira dos Icós.

A história da Ribeira dos Icós é intimamente ligada à colonização do interior cearense, à expansão da pecuária e ao ciclo do algodão, sendo um dos primeiros núcleos de povoamento do sertão nordestino. Em 1738, a região foi elevada a condição de vila com a fundação de Icó, uma das primeiras vilas do Ceará, essa ação marcou o início do desenvolvimento urbano da região, com a construção de igrejas, edifícios públicos e residências que refletiam a prosperidade econômica da Ribeira dos Icós (Lavor, 2018).

De acordo com as pesquisas de Lavor (2018), Maria de Soulé na cidade de Icó retoma sua vida musical já que era exímia pianista e professora, contribuindo assim para uma perspectiva educativa e cultural na cidade. Entre 1854 e 1860, já com residência fixa começa a “peleja” pela construção do Teatro do Icó, a luta para conseguir um empréstimo, assim estava posto no Jornal Pedro II de 31 de outubro de 1854, a saber:

O empreendimento para a construção de uma casa de espetáculos tem início ainda em 1854, quando Théberge solicita ao Governo Provincial do Ceará no valor de 2:000\$000 “Empréstimo para a obra do Theatro do Icó”, presente na ordem do dia da sessão de 25 de outubro de 1854 da Assembleia Legislativa Provincial, da discussão da Lei do Orçamento, e com a autorização do presidente da província para realizar o pagamento.

Mesmo com todas as dificuldades, o teatro foi construído pelos idos de 1860, com a contribuição do filho Henrique Théberge que era engenheiro. Embora, todos os inscritos possam identificar a personagem a partir da construção do imaginário masculino, a presença e contribuição de Maria de Soulé está expressa na própria história, “possivelmente essa obra destinava-se a acolher espetáculos itinerantes como também propiciar à sua esposa apresentar seu virtuosismo” (Lavor, 2018, p. 38). Virtuosismo correspondia a destreza com o piano e sua habilidade no ensino.

A introdução da Educação musical na Ribeira dos Icós sem sombra de dúvidas pertence a Maria de Soulé, uma história que precisa reconhecer apoio significativa das mulheres, como expressa Guedes e Passos (2022, p. 174), que “a contribuição histórica das mulheres também deve abarcar outras ideias do que representa a educação na formação dos sujeitos”. Mesmo que a pesquisa sobre o esforço de Maria de Soulé ainda represente a necessidade de preenchimento dos espaços em branco, nesse movimento, a história da educação musical na Ribeira dos Icós tem em sua representação e organização.

Considerações finais

O presente artigo procurou construir um percurso visível para história feminina de Maria de Soulé Théberge e sua contribuição no campo educativo na cidade da Ribeira dos Icós. Pensar a história de uma mulher a partir de sua invisibilidade é percorrer um caminho com muitas veredas, entendendo que as passagens podem não ser o que diz.

A mulher Maria de Soulé, mesmo com sua limitação histórica, resistiu frente ao silenciamento por parte do patriarcado declarado, foi empreendedora e sonhou em construir um legado na cidade de Recife na tentativa de conduzir uma instituição educativa musical para meninas em pleno início do século XIX, conquista esta que deve ser lembrada e celebrada para época.

Mesmo com os documentos tentando convencer que a voz do marido imperava, a pergunta que ecoa nos ouvidos, por acaso quem tocava o piano? Seria o Dr. Théberge quem organizava as aulas, que desenvolvia as metodologias, que direcionava as atividades das meninas? Temos a certeza de que não, afinal nos tempos do machismo instituído, o principal discurso instituído era: “isso é coisa de mulher”. Maria De Soulé, educadora e mãe, Presente!

Referências

ALGRANTI, Leila M. **Honradas e devotas: mulheres da Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio/Edunb, 1993.

BARSTED, Leila de Andrade Linhares. Em busca do tempo perdido: mulher e políticas públicas no Brasil 1983-1993. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, p. 38-54, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução [Gisela M. N. S. Y. Berman]. Última edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2020.

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012.

GUEDES, Rayane Silva; PASSOS, Daniela Oliveira Ramos dos. A presença das mulheres na história da educação no Brasil. **Revista Teias**, v. 23, n. 70, p. 167-189, 2022.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. Editora Companhia das Letras, 2013.

Jornal Diário de Pernambuco, **Recife-PE. Edições de 1838 a 1864**. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Acervo da University of Florida Digital Collections (UFDC). Disponível em: www.ufdc.ufc.edu. Acesso em : 22 de ago. 2024.

Lavor, Yuri Guedes de. **Pierre François Théberge em riscos de vida neoclássicos-barrocos na Ribeira dos Icós** / Yuri Guedes de Lavor. – 2018.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, jul., 2009.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da história das mulheres”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

TELLES, Antonia Marlene Vilaca. A presença da mulher no contexto da história da educação (1960-1980). In: ANPED SUL, X, 2014, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: X ANPED .SUL, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/861-0.pdf. Acesso em: 30 de agost. 2024.

ZILBERLEIB, Branca. **A mulher como problema de pesquisa em História: emergência de estudos sobre mulheres e gênero na historiografia brasileira recente (1973-2001)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi: 10.11606/D.82022.tde-17052023-174704. Acesso em: 23 de out. 2024.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Maryland Bessa Pereira Maia. Doutora em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Professora Assistente UECE/FECLI e Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá/RJ.

Contribuição de autoria: organização do objeto de pesquisa, pesquisa documental e estrutura do texto.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1310417854507653>

Will Wanderkelly de Freitas Ribeiro. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte PPGL/UERN. Professor Assistente do Curso de Letras – Português da Faculdade de Educação, Ciência e Letras de Iguatu da Universidade Estadual do Ceará – FECLI/UECE.

Contribuição de autoria: Revisão textual, inserção de referências no texto escrito e acréscimo de comentários.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6828005387569355>

Inaiara Ferreira da Silva. Aluna do Curso de Pedagogia FECLI/UECE.

Contribuição de autoria: colaborou com o levantamento de dados para pesquisa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0003102439382270>.

Como referenciar

INVISIBILIDADE FEMININA: O SILENCIAMENTO DE MARIA DE SOULÉ THEBERGE
NA EDUCAÇÃO DA RIBEIRA DOS ICÓS – CE

Maryland Bessa Pereira Maia • Will Wanderkelly de Freitas Ribeiro • Inaiara Ferreira da Silva

MAIA, Maryland Bessa Pereira; RIBEIRO, Will Wanderkelly de Freitas; SILVA, Inaiara Ferreira da. Invisibilidade feminina: o silenciamento de Maria de Soulé Theberge na educação da Ribeira dos Icós. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, e15556, 2024. DOI: 10.22481/redupa.v3.15556.